

“O mito da primeira-dama se acirra no Brasil”: Janja e o Jornal *El País* ¹

Laís Espósito Araújo²

Nicoli Tassis³

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Este artigo analisa a construção simbólica, a resignificação e a projeção da figura da primeira-dama brasileira, Rosângela Lula da Silva (Janja), a partir de seis reportagens do jornal espanhol *El País*. Com base nas teorias de Stuart Hall (2006) sobre identidades fragmentadas, na concepção de cultura de Raymond Williams (1983), na noção de performatividade de Judith Butler (2019) e nas críticas espaciais de Doreen Massey (1994), discute-se como a figura de Janja é moldada por discursos que entrelaçam gênero, poder, tradição e midiatização global. A pesquisa propõe que a primeira-dama opera como campo de disputa simbólica, e que sua imagem dialoga não apenas a performance nacional, mas também expectativas transnacionais, tensionando normas tradicionais de gênero e abrindo, potencialmente, espaço para novas articulações e disputas identitárias.

Palavra-chave: primeira dama; performance; gênero; identidade; globalização.

Introdução

Historicamente, o Brasil nunca conferiu à figura da primeira-dama um papel institucional definido. Ainda assim, ela ocupa um lugar simbólico e altamente visível na representação da nação, especialmente no que diz respeito às ideias de feminilidade, maternidade e moralidade pública preferenciais. Conforme aponta Ana Maria Lins (2018), desde os anos Vargas, com Darcy Vargas e Sarah Kubitschek, até a redemocratização, a imagem da primeira-dama esteve ligada a projetos sociais e filantrópicos, legitimando uma ideia de “mãe da nação”, símbolo da mulher recatada, cuidadora e apolítica.

No entanto, a atuação de Ruth Cardoso (1995–2003) reconfigurou esse padrão ao integrar produção acadêmica, políticas públicas e ação institucional. Com isso, rompeu-se parcialmente a imagem de que o papel da primeira-dama seria puramente

¹ Trabalho apresentado na IU01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 20ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, email: lais.esposito@ufu.br

³ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, e-mail: nicoli.guedes@ufu.br

decorativo ou assistencialista. Essa percepção dialoga com a perspectiva de cultura de Williams (1983), ao apontar para a compreensão de que mudanças na cultura institucional refletem reorganizações mais amplas nas relações sociais e nos valores da sociedade, atualizados e disputados cotidianamente, no bojo das transformações de uma sociedade e tempo.

Em continuidade a esse processo de transformação, a figura de Rosângela Lula da Silva, conhecida como Janja, parece marcar um novo ponto de inflexão. Com trajetória nos movimentos sociais, formação em Antropologia e atuação política consolidada, Janja projeta uma imagem pública que pode ser tomada como simultaneamente afetiva, engajada, digitalizada e globalizada. Sua performance como primeira-dama, ativa e vocal, desafia normas tradicionais, o que tem gerado tensões, resistências e reelaborações discursivas, inclusive fora do Brasil.

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo e investiga como essas tensões são representadas na imprensa internacional, especificamente no jornal espanhol *El País*. Busca-se, nesse pequeno recorte, compreender como os discursos midiáticos internacionais constroem e negociam os sentidos identitários de Janja enquanto primeira-dama, articulando uma análise crítica sobre a interseção entre gênero, mídia e globalização.

Referências teóricas

Para a construção do repertório conceitual e analítico da investigação aqui proposta, nos baseamos em um conjunto de autores (as) que pensam a formação das identidades e sua relação com a cultura, as territorialidades, espacialidades e corporeidades na contemporaneidade. Stuart Hall (2006), por exemplo, propõe que as identidades deixaram de ser fixas, unificadas ou essencialistas. Nessa concepção, a identidade cultural é construída no interior de discursos que organizam o sentido de pertencimento, mas que também são atravessados por deslocamentos, rupturas e hibridizações. Para Hall (2006, p.9), o “sujeito pós-moderno” é aquele cujas identidades são “múltiplas, contraditórias e em constante processo de construção e reconstrução”.

No caso de Janja, seu papel nos parece composto por múltiplas camadas: é mulher, militante, esposa do presidente, representante simbólica da nação, figura digital e objeto de escrutínio midiático global. Sua performance desafia o ideal tradicional da

primeira-dama, enquanto continua a mobilizar símbolos historicamente associados a essa figura, como o cuidado e a afetividade, como a pesquisa mais ampla que originou este artigo nos aponta.

Judith Butler (2019) também contribui para essa discussão com a teoria da performatividade, ao argumentar que o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz, ou seja, um conjunto de atos reiterados que constituem o sujeito. Nesse sentido, a atuação de Janja enquanto primeira-dama pode ser lida como uma performance de gênero que subverte normas heteronormativas e institucionais, especialmente ao ocupar o espaço político de forma ativa, sem recuar à passividade esperada.

Doreen Massey (1994), por sua vez, argumenta que o espaço não é neutro: ele é produzido socialmente e desigualmente afetado pelos processos de globalização. No caso da primeira-dama, sua imagem circula em um espaço transnacional que não é homogêneo, o que a leva a ser avaliada sob critérios que mesclam expectativas nacionais e internacionais. Essa circulação global impõe novas camadas de julgamento simbólico e moral, conforme evidenciado pelas reações internacionais a seus discursos e aparições públicas.

Williams (1983) entende cultura não como um conjunto de objetos, mas como prática social viva, conflitante e processual. A representação midiática de Janja deve ser analisada, portanto, como produto de relações culturais historicamente constituídas e atravessadas por lutas por hegemonia. O jornalismo internacional, nesse contexto, é um dos principais mediadores dessas práticas culturais. E é no cruzamento dessas referências, aqui brevemente apresentadas, que o presente trabalho buscou construir a metodologia e a análise que traremos a seguir.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, fundamentada na análise cultural crítica conforme proposta por Williams (1983) e na teoria das práticas cotidianas de Michel de Certeau (2000). Compreendemos que as narrativas midiáticas não são representações neutras, mas sim dispositivos simbólicos que (re) produzem relações de poder, gênero e identidade cultural, sendo atravessadas por construções ideológicas específicas.

O *corpus* foi composto por seis matérias jornalísticas publicadas no jornal espanhol *El País*, com data de publicação entre 1º de setembro de 2022 e 30 de abril de 2025. O critério temporal busca abranger desde o início oficial do processo eleitoral brasileiro até momentos posteriores ao terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, com especial atenção à atuação pública e simbólica de sua esposa, Janja.

A seleção das matérias seguiu ainda os seguintes critérios concomitantes: 1) presença explícita de Janja como foco da narrativa, verificada no título ou subtítulo; 2) alcance temático: matérias que discutem a atuação política, simbólica, institucional ou comunicacional da primeira-dama; 3) relevância discursiva: textos que oferecem interpretações, comparações ou tensionamentos entre performances tradicionais e contemporâneas de gênero; 4) representatividade temporal: garantir cobertura contínua ao longo do período recortado; 5) exclusão de duplicatas e menções meramente acessórias, como notas breves ou colunas sem análise de conteúdo.

A partir desse filtro, seis reportagens foram selecionadas de forma deliberada, mas não aleatória, garantindo diversidade discursiva dentro de um mesmo veículo e mantendo o foco na análise aprofundada de uma cobertura jornalística internacional específica. Buscou-se, ainda, identificar estruturas narrativas, marcadores linguísticos, metáforas e construções simbólicas que operam na produção de sentido sobre a figura da primeira-dama. O foco recaiu sobre as representações de gênero, poder e nação que emergem nas matérias, examinando como elas projetam Janja em um cenário transnacional de disputas simbólicas.

Reconhecemos que a limitação a um único veículo pode induzir viés editorial. No entanto, o *El País* foi escolhido por seu prestígio internacional, cobertura sistemática da política brasileira e seu posicionamento editorial progressista, o que potencialmente permite investigar como discursos de esquerda também podem (ou não) reproduzir ou tensionar imagens tradicionais de gênero.

Principais Resultados

No contexto da pós-modernidade, Stuart Hall (2006) propõe uma reformulação do conceito de identidade, alertando que as antigas referências estáveis – como gênero, classe e nação – foram desestabilizadas pelos fluxos globais e pela intensificação das mídias. O sujeito contemporâneo passa a ser compreendido como instável, múltiplo e

fragmentado, o que impacta diretamente a construção da imagem de figuras públicas, como a primeira-dama.

A análise do *corpus* revelou que a cobertura do *El País* mobiliza narrativas ambivalentes sobre Janja: ao mesmo tempo que destaca sua atuação política e modernizadora, também reproduz símbolos tradicionais associados ao feminino. Por exemplo, a matéria “*Janja da Silva y Michelle Bolsonaro, dos primeras damas antagónicas para Brasil*” (EL PAÍS, 2022) a apresenta como mulher “20 anos mais jovem” e capaz de “rejuvenescer” a campanha de Lula, sinalizando uma metáfora da mulher como revitalizadora do homem público – um tópico comum na tradição da feminilidade consorte.

Essa ambivalência se acentua na matéria “*Janja, la esposa de Lula, quiere intervenir en la política de Brasil*” (El País, 2023), que reconhece seu protagonismo político, mas também alerta que “le confieren consciente o inconscientemente un poder que institucionalmente no le pertenece”. O desconforto diante de sua atuação extrapola o campo simbólico ao insinuar um possível desequilíbrio institucional, atribuindo à primeira-dama uma visibilidade considerada excessiva para os moldes tradicionais da função.

Esse conflito simbólico atinge seu ápice no episódio ocorrido durante o painel “Cria G20”, em novembro de 2024. Ao ser interrompida por um som de buzina durante discurso sobre regulação de plataformas digitais, Janja respondeu ironicamente: “Alô, acho que é o Elon Musk. Eu não tenho medo de você, inclusive: fuck you, Elon Musk”. O comentário viralizou e provocou resposta imediata do empresário no X (antigo Twitter), além de ampla cobertura internacional. O *El País* e outros veículos reportaram o caso como sintomático da crescente exposição midiática da primeira-dama e das reações que ela provoca ao ultrapassar os limites do papel decorativo.

A figura de Janja, nesse sentido, revela o paradoxo entre transgressão e reiteração. Ainda que performe rupturas com a tradição, sua imagem continua, muitas vezes, sendo lida e enquadrada dentro de códigos simbólicos patriarcais. Como aponta Judith Butler (2019), o gênero é constituído por atos performativos repetidos que produzem os efeitos daquilo que se nomeia. Janja, simultaneamente, reinscreve e subverte esse papel, ao conjugar feminilidade, ativismo e protagonismo político.

Adicionalmente, o *El País* reconhece sua influência na reconstrução simbólica do discurso de Lula: “A ella se le atribuye la modernización del discurso de Lula, que haya incorporado cuestiones de raza, género y medioambiente” (El País, 2022). Essa legitimação pública é acompanhada por especulações sobre seu futuro político: “Empieza a haber un consenso en que Janja [...] será una posible candidata en 2026” (El País, 2023). Tais projeções elevam seu papel de consorte à condição de figura política em potencial, reforçando o argumento de que sua imagem atua como dispositivo simbólico na manutenção (ou transformação) das masculinidades presidenciais.

Considerações

Com a intensificação da cultura midiática digital e da globalização no século XXI, a visibilidade das primeiras-damas passou a ser mediada por lógicas discursivas mais aceleradas, fragmentadas e altamente espetaculares. Esse novo regime de visibilidade, marcado pela velocidade da informação e pela circulação transnacional de imagens, redefine não apenas os modos de se comunicar, mas também os contornos simbólicos de gênero, poder e representação. A figura da primeira-dama, nesse cenário, torna-se um ponto focal em que disputas narrativas sobre feminilidade, nacionalidade e autoridade se entrelaçam em um jogo político altamente performativo e midiático.

Como discutido ao longo do trabalho, Janja da Silva emerge como uma personagem exemplar desse novo paradigma. Sua atuação pública não apenas tensiona os estereótipos tradicionais da esposa do chefe de Estado (geralmente associada a um papel apaziguador, discreto e voltado ao lar) mas reconfigura esse lugar simbólico por meio de práticas discursivas que dialogam com movimentos sociais, questões de justiça climática, políticas de inclusão e engajamento digital. Em outras palavras, Janja se posiciona como uma figura pública que disputa ativa e intencionalmente os sentidos do que significa ser uma primeira-dama no século XXI.

Nesse contexto, é pertinente retomar a noção de identidade como construção discursiva elaborada por Stuart Hall (2006). É justamente no caráter oscilante, híbrido e em constante negociação que marca as relações identitárias na contemporaneidade, que a figura de Janja se oferta como tão emblemática para os estudos contemporâneos de identidade, mídia e poder.

A partir dessa perspectiva, podemos entender também a performance de Janja como aquilo que Judith Butler (2019) define como uma prática reiterativa de significação: não um papel fixo ou essencial, mas um conjunto de atos e discursos continuamente renovados que conferem materialidade ao gênero. Ao utilizar suas redes sociais, ao intervir em eventos políticos ou ao tensionar publicamente figuras do poder global, como no caso do episódio com Elon Musk (Gonçalves, 2024), Janja constrói uma performance de gênero que desafia os limites simbólicos impostos historicamente à esposa do presidente. Ela não apenas encarna, mas encena, desestabiliza e ressignifica as fronteiras entre o público e o privado, entre o feminino e o político.

Além disso, ao projetar sua imagem para além das fronteiras nacionais, Janja também se inscreve no que Doreen Massey (1994) entende como um espaço relacional e desigual da globalização. Para a autora, as identidades não emergem de territórios fixos ou homogêneos, mas são moldadas por fluxos desiguais de poder, circulação e representação. A “ocidentalização” dos discursos sobre feminilidade, aliada à espetacularização da política, impõe às primeiras-damas uma dupla pressão: ao mesmo tempo em que representam a tradição e os valores nacionais, devem também adequar-se a expectativas globais de modernização, autonomia e representatividade.

Nesse sentido, a leitura de Ana Maria Lins (2018) sobre as primeiras-damas brasileiras permite compreender como essas figuras sempre ocuparam um lugar de fronteira entre o poder e o afeto, entre o simbólico e o institucional. De Darcy Vargas e Sarah Kubitschek a Ruth Cardoso, o papel da primeira-dama tem oscilado entre o cuidado e a política, entre a caridade e a diplomacia, entre a invisibilidade e a hipervisibilidade. Janja, nesse percurso histórico, representa uma inflexão importante: ela é simultaneamente continuidade e ruptura, evocando elementos tradicionais da “mãe da nação”, mas os ressignificando por meio de uma atuação pública com marcas de militância, intelectualidade e ousadia.

A centralidade da mídia nesse processo também é fator muito importante para a análise. Como defende Raymond Williams (1983), a cultura é um campo de disputa em que diferentes práticas significantes operam, dialogam e confrontam-se. A cobertura internacional de Janja, sobretudo no *El País*, ilustra como essas disputas não se dão apenas no plano interno, mas se projetam globalmente, moldando a maneira como o Brasil se representa e é representado no cenário internacional. A visibilidade midiática

da primeira-dama, portanto, não é apenas um reflexo da sua atuação, mas uma arena de conflito simbólico em que se negociam sentidos de feminilidade, poder e identidade nacional.

Nesse ponto, também é relevante considerar o que Guedes e Melo (2023) destacam sobre a “narrativa do amor contra o ódio” protagonizada por Janja e Lula. Trata-se de uma construção discursiva potente que se contrapõe à lógica bélica e masculinista da política brasileira contemporânea. Essa narrativa oferece uma alternativa simbólica à retórica do conflito, propondo uma política afetiva, inclusiva e de resistência. Janja, nesse sentido, não apenas participa da política – ela a transforma, a reconfigura e a contesta, abrindo espaço para outras formas de fazer e representar o poder.

Por fim, é preciso reconhecer que a figura da primeira-dama continuará sendo um parâmetro dos conflitos, avanços e retrocessos da sociedade. Se, como diz Hall (2006), as identidades são construídas no “cruzamento entre o passado e o futuro”, então, as primeiras-damas, especialmente aquelas como Janja, habitam justamente esse cruzamento. Elas performam entre o que se espera delas e o que elas ousam ser, como é próprio dos sujeitos na contemporaneidade. O gesto de Janja ao afirmar que deseja “ressignificar o conteúdo de ser uma primeira-dama” (El País, 2022) não é apenas simbólico, é profundamente político e por isso, potencialmente desestabilizador. E nesse gesto, ela convida o país e o mundo (não sem críticas e resistências) a imaginar novas possibilidades para o feminino na política, novas formas de poder e novas gramáticas para o protagonismo das mulheres no espaço público.

A análise aqui desenvolvida não se encerra em si mesma, mas abre caminhos para futuras investigações. Seria possível, por exemplo, comparar a representação de Janja com a de outras primeiras-damas da América Latina em contextos de ascensão conservadora ou progressista. Também seria relevante aprofundar o impacto das redes sociais na construção da autoridade simbólica dessas figuras, bem como observar como se articulam os discursos de raça, classe e território nessas performances de feminilidade nacional. O que esta proposta de investigação evidencia, com clareza, é que a figura da primeira-dama não é mais (se é que um dia foi) apenas um ornamento palaciano. Ela é, antes, um agente de disputa na geopolítica das identidades.

Referências

- BBC NEWS.** Brazil first lady uses expletive against Elon Musk at G20 event. *BBC News*, 11 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cwy1693xwlzo>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BUTLER, Judith.** *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. 4. ed. Nova York: Routledge, 2019.
- CERTEAU, Michel de.** *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- EL PAÍS.** El mito de la primera dama se agudiza en Brasil. 26 abr. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2023-04-26/el-mito-de-la-primera-dama-se-agudiza-en-brasil.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- EL PAÍS.** Janja da Silva y Michelle Bolsonaro, dos primeras damas antagónicas para Brasil. 1 out. 2022. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-10-01/janja-da-silva-y-michelle-bolsonaro-dos-primeras-damas-antagonicas-para-brasil.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- EL PAÍS.** Janja, la esposa de Lula, quiere intervenir en la política de Brasil. 17 jun. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2023-06-17/janja-la-esposa-de-lula-quiere-intervenir-en-la-politica-de-brasil.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- EL PAÍS.** Lula da a su esposa Rosângela Silva protagonismo en la transición en Brasil. 4 dez. 2022. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-12-04/lula-da-a-su-esposa-rosangela-silva-protagonismo-en-la-transicion-en-brasil.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- EL PAÍS.** Lula da Silva se casa con una socióloga militante del PT en plena campaña para la presidencia de Brasil. 18 maio 2022. Disponível em: <https://elpais.com/gente/2022-05-18/lula-da-silva-se-casa-con-una-sociologa-militante-del-pt-en-plena-campana-para-la-presidencia-de-brasil.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- EL PAÍS.** Michelle Bolsonaro vs. Janja Lula da Silva en 2026. 14 fev. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2023-02-14/michelle-bolsonaro-vs-janja-lula-da-silva-en-2026.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO.** Ruth Cardoso: Formadora. Disponível em: https://fundacaofhc.org.br/exposicoesvirtuais/ruth-cardoso-formadora/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 mar. 2025.
- GUEDES, Cica; MELO, Murilo Fiuza de.** *Janja: a militante que se tornou primeira-dama*. 1. ed. São Paulo: Máquina de Livros, 2023.
- GONÇALVES, Lucas.** Como a imprensa internacional repercutiu o ‘Fuck you, Elon Musk’ de Janja. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 nov. 2024. Disponível em: [link]. Acesso em: 10 jun. 2025.
- HALL, Stuart.** *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LINS, Ana Maria. *Todas as mulheres dos presidentes*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Cambridge: Polity Press, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.